



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB:
a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

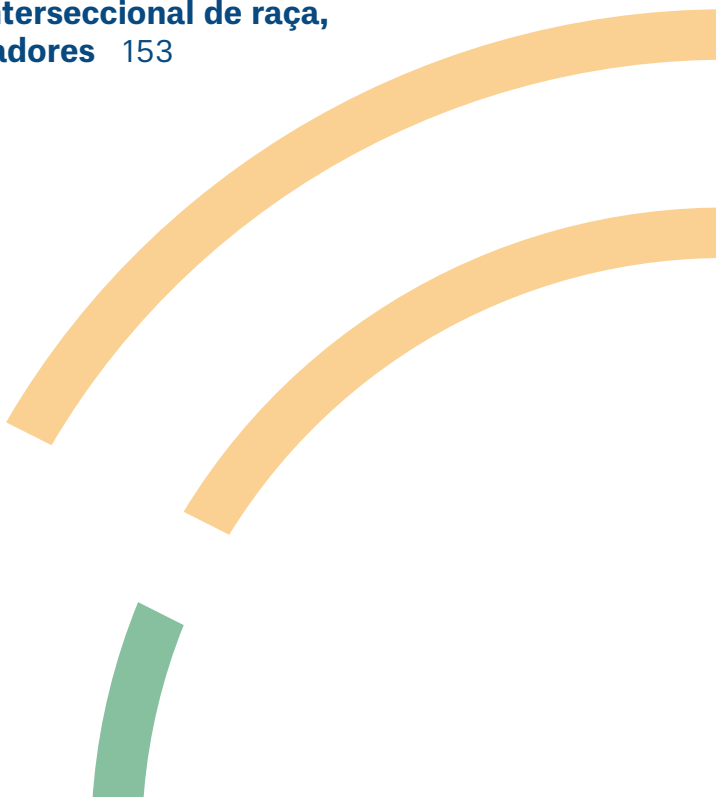
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial

Michele Duarte da Silva

Família nordestina migrante

A origem da minha família é basicamente nordestina. Minha mãe é nascida e criada no interior da Paraíba. Chegou em Brasília, Distrito Federal, aos 15 anos, com suas irmãs, em busca de uma vida melhor. Meu pai nasceu e foi criado em Brasília, mas seu pai e sua mãe são de origem nordestina. Minhas avós e meus avôs maternos e paternos não tiveram oportunidades de escolarização efetiva. Minha avó e meu avô paterno tiveram que sair muito cedo das suas cidades de origem para conseguir sobreviver de uma maneira saudável e sustentável. Meus avós maternos cresceram próximo de suas cidades de origem, mas, após o casamento, e até mesmo depois do nascimento dos filhos e filhas, meu avô ia trabalhar em outras cidades e estados, enquanto minha avó cuidava da roça e das crianças. Minha mãe e meu pai se casaram sem completar o ensino médio.

Depois de muitos anos de casado e após meus irmãos e eu termos nascido, meu pai conseguiu um emprego e precisou se qualificar. Assim, ele concluiu o ensino médio por meio de um supletivo em uma instituição particular. A duração do supletivo não foi muito longa, pois meu pai devia apenas algumas disciplinas do terceiro ano do ensino médio. Para que meu pai fosse promovido na empresa, ele precisou potencializar sua qualificação. Então, após um período curto depois da finalização do supletivo, ele se formou no ensino técnico. Conseguiu ser promovido mais uma vez e atualmente trabalha na mesma empresa, é técnico de telecomunicações de uma grande empresa de comunicação. Graças a esse emprego, meu pai e minha mãe conseguiram comprar uma geladeira nova para nossa casa, tivemos nosso primeiro computador e também acesso à internet.

Minha mãe demorou muito mais para concluir o ensino médio e melhorar sua qualificação. Antes de concluir essa etapa, fazia apenas cursos de capacitação relativos à sua área de trabalho. Com o sonho de fazer uma faculdade e ser uma profissional mais qualificada, decidiu voltar a estudar. No ano de 2017, concluiu o ensino médio. Ela cursou o supletivo em uma escola pública, perto da nossa casa, à noite. Com todos os desafios e enfrentando a vontade de desistir, conseguiu se formar sem ser reprovada em nenhuma etapa. Ela passou mais tempo na escola que meu pai, pois tinha parado de estudar no primeiro ano do ensino médio. No ano em que escrevo este relato para o livro, 2021, conseguiu ingressar em uma instituição de ensino superior, e hoje cursa o segundo semestre do curso de Estética e Cosmética. É a única das irmãs que já finalizou o ensino médio e que frequenta o nível superior. Minha mãe é um orgulho para nossa família, sua história de superação nos engrandece. Ela é um exemplo para outras mulheres que precisaram primeiro trabalhar para levar o sustento para suas casas e agora, com os filhos e filhas criados, estão correndo atrás de uma melhor qualificação acadêmica.

Estudo nas periferias do DF

Sou de família humilde, sempre estudei em escola pública nas periferias de Brasília-DF. Minha mãe e meu pai sempre trabalharam intensamente para levar algo de diferente para mim e meus irmãos, mas ir para a escola, se fazer presente na escola e não ser reprovado em nenhuma série sempre foi lei na minha casa. Minha trajetória escolar começou em Ceilândia, no Serviço Social da Indústria (Sesi), no qual fiz o maternal. Naquela época, a escola do Sesi não cobrava mensalidade. Iniciei o primeiro ciclo do ensino fundamental no Centro de Ensino Fundamental 301, do Recanto das Emas-DF. Lá fiquei apenas até a primeira série, hoje denominada segundo ano. No período em que estudei nessa escola, meus pais perceberam que a região era perigosa e que o ensino não estava no nível esperado. Assim, meu pai e minha mãe me transferiram novamente para Ceilândia. Fiz o restante do meu ensino fundamental I, na época da segunda à quarta série (hoje do terceiro ao quinto ano), em uma escola que se chamava Escola Classe 07, em Ceilândia Norte-DF – hoje essa escola tem outro nome. Durante esse período, fiquei dois anos morando com minha avó, até que minha família se mudou completamente para Ceilândia.

Deixamos nossa casa no Recanto das Emas para viver de aluguel em Ceilândia. Minha mãe e meu pai tomaram essa decisão porque acreditavam que o ensino nas escolas de Ceilândia era de maior qualidade que nas escolas do Recanto das Emas. Iniciei o segundo ciclo do ensino fundamental no Centro de Ensino Fundamental 02, em Ceilândia Sul-DF. Estudei nessa escola da quinta série até o início da oitava série (hoje, sexto ao nono ano). O aluguel começou a apertar, e meu pai e minha mãe decidiram que era melhor voltarmos para nossa casa no Recanto das Emas, onde finalizei meu ensino fundamental II, na escola Centro de Ensino Educacional 106. Realizei todo o ensino médio no Centro de Ensino Médio 111, também no Recanto das Emas. Foi um período bem intenso da minha

adolescência, em que minha orientação sexual se despertou, e existiram conflitos familiares por conta disso. Passamos cerca de um ano tendo algumas brigas, foi uma época bem problemática para toda a minha família. Todos esses conflitos me fizeram amadurecer mais cedo e buscar com mais vigor minha independência. Eu sempre fui muito decidida; desde a oitava série (hoje nono ano), já sabia o que queria fazer. Tive uma professora de Ciências que despertou meu interesse pela Biologia.

Sempre gostei de temas que envolviam a natureza. Com o tempo, percebi que me interessava mais pelo meio ambiente marinho, daí veio o sonho estudar Biologia marinha. No meu ensino fundamental, sabia sobre a existência da UnB, mas como algo que não estava ao meu alcance, pois, para mim, só quem estudava em escola particular conseguiria uma vaga nessa Universidade. Só quem tinha poder aquisitivo conseguiria estudar em uma universidade pública. Comecei a ver a UnB como opção quando fui para o ensino médio. Em uma feira de ciências tivemos uma palestra explicando como funcionava o vestibular e o Programa de Avaliação Seriada (PAS). Daí eu fiz as duas primeiras etapas do PAS e, no meu último ano, 2020, comecei a me dedicar para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

No meu primeiro Enem, fiquei em três listas de espera de universidades federais. Cheguei a passar no vestibular da Universidade Católica, uma universidade particular, mas minha mãe e meu pai não tinham condições de arcar com os custos das mensalidades. No mesmo ano, consegui uma vaga em um curso técnico no Instituto Federal de Brasília (IFB), Campus Samambaia (DF). Decidi assumir essa vaga no IFB para não ficar sem estudar. Nesse mesmo ano, também consegui uma oportunidade no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), por meio do qual iniciei o curso de Zootecnia. Mais próximo do Enem, meu pai conseguiu pagar para mim um curso extensivo preparatório para o Exame. Fiquei muito feliz e estudei muito, era minha segunda chance de entrar em uma faculdade.

Finalmente, eu, Michele, na UnB

Eu sempre quis fazer faculdade, sabia que seria o único caminho para transformar minha realidade. E comecei a querer muito, muito mesmo, a UnB quando passei no vestibular de uma universidade particular e meu pai e minha mãe não tinham nenhuma condição de pagar a faculdade e levar comida para dentro de casa. Então eu vi na UnB a oportunidade de realizar meu sonho. Minha escolha no Sisu sempre foi Biologia, em todas as faculdades em que tentava concorrer. No meu segundo ano de Enem, novamente fiquei esperando o resultado das listas de espera. Já estava meio triste! Enquanto isso, estava no meu último semestre do curso técnico em Controle Ambiental, no IFB de Samambaia. Tinha um amigo que estudava na UnB, e um belo dia ele falou para mim: “por que você não tenta entrar no curso que eu estou fazendo? Talvez você goste. Caso não goste, pode mudar de curso”. Esse meu amigo tinha mudado do curso de Química, no Campus Darcy Ribeiro, para o

curso de Ciências Naturais, no Campus UnB Planaltina. Segui o conselho dele, me inscrevi na lista de remanescentes do curso de Ciências Naturais.

Como o *campus* era muito longe, as pessoas não assumiam a vaga. Nessa época, eu não sabia sequer que esse curso existia. Hoje em dia, a área ganhou visibilidade e as pessoas estão cada vez mais se encorajando a viver essa aventura. Fui convocada para assumir a vaga e fiquei superfeliz. Tenho uma gratidão imensa por esse amigo, que me mostrou essa possibilidade, um caminho que eu nem sabia que existia. Meu primeiro semestre foi uma grande correria, eu ainda estava terminando o curso no IFB, tive que abrir mão do curso de Zootecnia, não dava para conciliar os três de uma vez. Planaltina é muito longe. Então, no primeiro bimestre, tive que excluir duas disciplinas da grade e fiquei com três. No final do semestre, fui reprovada em duas, meu IRA (Índice de Rendimento Acadêmico) foi para um. Já bateu aquele desespero: será que vou conseguir, será que isso é pra mim mesmo? Passado o primeiro semestre, eu já tinha concluído o meu curso técnico e comecei a ter foco só na faculdade. Consegui, de início, os auxílios socioeconômicos. Isso me ajudou muito, muito mesmo.

Eu percorria mais de 80 km para chegar na faculdade, saía do Recanto das Emas às dez horas da manhã para chegar na aula das duas horas da tarde. Na volta, pegava o último *intercampi*, o ônibus que leva as alunas e os alunos do *campus* central, o Darcy Ribeiro, no Plano Piloto de Brasília, para os outros *campi*. Esse último ônibus, o *intercampi* que saía de Planaltina, nos deixava na rodoviária do Plano Piloto. Eu chegava na minha casa, no Recanto das Emas, quase a uma hora da manhã. Vivia dentro de ônibus. Passava, por dia, em média seis horas nos ônibus, às vezes era mais tempo de ônibus do que de aula.

Por volta do meu terceiro ou quarto semestre de graduação, saiu um edital que previa que as/os estudantes que morassem a partir de determinada distância do *campus* poderiam receber auxílio moradia, e eu consegui esse auxílio. Foi muito importante esse momento. Naquele tempo, estava em um relacionamento e acabei indo morar com essa pessoa. Nós fomos morar no Núcleo Bandeirante. É uma cidade pioneira, a poucos minutos do Plano Piloto, considerada uma cidade satélite do Distrito Federal. As pessoas que moram lá têm um poder aquisitivo maior do que eu estava habituada. Era uma realidade bem diferente.

Durante o tempo em que eu vivi nessa cidade, presenciei muitos questionamentos sobre as cotas, sempre acompanhados de comentários depreciativos. Para essas pessoas, as cotas não faziam sentido, era como se estivéssemos realmente roubando algo de alguém. Isso mexia muito comigo, porque eu sabia e sei o real valor que as cotas têm. Meu primeiro contato com esse tema foi no ensino médio, quando houve uma roda de conversa, em um projeto de que eu participava na escola, em que se explicou como funcionava o sistema de cotas, como poderíamos utilizá-lo, deixando claro que era um direito nosso. Perto de me formar no ensino médio, já via nas cotas uma oportunidade, uma possibilidade, um caminho.

Eu e umas amigas sempre dizíamos que podíamos tentar o vestibular por meio do sistema de cotas raciais. No Enem, o poder das cotas ficou mais intenso para mim. Eu sou cotista racial

PPI (Preto, Pardo e Indígena), cotista de escola pública e cotista socioeconômica – por me enquadrar no critério de renda de menos de um salário-mínimo e meio por pessoa da família.

Sempre tive orgulho de dizer que sou cotista, e viver em uma realidade que questionava esse orgulho era muito cruel. O mais triste é que, dentro da Universidade, tudo isso também era questionado. Existe um movimento meritocrata muito forte dentro da UnB, que quer desestabilizar e tirar a visibilidade de toda a nossa luta. Se fazer presente dentro de uma Universidade onde a desigualdade social é gritante é muito difícil. Foram quatro anos bem intensos, eu sofri um desgaste físico tremendo com a distância, além do desgaste emocional. Terminei meu relacionamento em um período de muito estresse, em que estava finalizando o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e meu último estágio. Tive que lidar com a vontade de jogar tudo para o alto muitas vezes. Mas eu também vivi coisas incríveis, que não sei se teria vivido se não fosse a Universidade. Conheci estados diferentes, participando de congressos, tive muitas experiências, sensações. Em um desses congressos, consegui levar minha mãe para rever sua cidade natal. Fazia mais de 15 anos que ela tinha saído da sua cidade. Participei de projetos incríveis que mudaram minha vida; por exemplo, dei aula durante um ano e meio na Classe Hospitalar do Hospital Regional de Ceilândia.

Minha orientadora de iniciação científica, professora Mauricéia Sousa, é uma pessoa sensacional, uma mulher sem defeitos, me ensinou muito. Nosso projeto rendeu publicações em livros, congressos, revistas, a exemplo de Sousa e Silva (2019). Eu também fui muito iluminada quando conheci meu orientador do TCC, Eduardo Bessa. Quando ele entrou na Faculdade como docente, eu estava no terceiro semestre. Ele ministrava e ainda ministra a disciplina de Zoologia na Faculdade UnB Planaltina (FUP), na qual um amigo estava matriculado. Eu acabei assistindo a praticamente todas as aulas com meu amigo. Teve um passeio superlegal para o zoológico e ele permitiu que eu fosse com a turma. No semestre seguinte, cursei a disciplina de Zoologia; no outro semestre cursei outra disciplina, chamada Comportamento animal, que ele também ministrava. Fui criando afinidade com ele e o convidei para ser meu orientador, expondo meu desejo de trabalhar com Biologia marinha. Ele aceitou de primeira, foi muito importante para mim esse processo.

Conseguimos realizar até mesmo uma publicação a partir do meu TCC, justamente na área com a qual eu sempre sonhei. Trabalhamos com populações de cavalos marinhos e suas relações com o ambiente onde vivem. Meu orientador me ajudou muito, me colocou em um grupo de estudos do Instituto de Biologia do Campus Darcy Ribeiro. Consegui que eu cursasse, como aluna especial, uma disciplina superconcorrida, a Biomar. Viajamos para uma ilha para realizar miniprojetos e pesquisas. Foi uma experiência sensacional. Tenho muita gratidão pelo apoio e carinho. O foco agora é o mestrado, para continuarmos trabalhando juntos. Eu me formei no final de 2019, em Licenciatura em Ciências Naturais pela UnB. Foi um ano muito bom para mim! Realizei muitos sonhos, e o principal foi terminar a faculdade, um ciclo que foi fechado. Tenho muita gratidão e carinho por cada momento!

Minha carreira com o diploma da UnB

Quando eu ainda estava na faculdade, no final de 2018, saiu o concurso para professor do GDF, para contrato temporário e efetivo. Fiz a prova, mas só pela experiência. No concurso para contrato temporário, consegui uma boa colocação. No ano seguinte, 2019, fui convocada para levar os documentos e assumir o cargo. Tentei a antecipação de outorga, mas não consegui. Só em 2019 fui convocada cerca de três vezes para assumir algumas vagas. Acabou 2019, me formei, veio 2020 e, de cara, a pandemia. No início, não acreditava que a covid-19 chegaria aqui no Brasil, que tudo isso aconteceria, que perderíamos tantas pessoas. No final do segundo bimestre letivo, me chamaram para assumir uma vaga, no Centro de Ensino Fundamental 101, no Recanto das Emas-DF. Fiquei nessa escola até o final do ano. Foi uma experiência totalmente remota. Tinha contato com meus alunos e alunas uma vez por semana pelo Google Meet. Meu contato com a equipe da escola foi basicamente online. Contudo, a escola é muito organizada, pensávamos sempre em como podíamos ajudar os alunos e alunas. O objetivo era montar atividades que fossem relevantes para os/as estudantes, para que não houvesse evasão dos/das adolescentes da escola. Foi uma experiência bem diferente, mas que me abriu a mente para outros meios e metodologias, para atuar de maneira mais eficiente e me aproximar dos/das estudantes. No início deste ano, fui chamada para assumir uma vaga. Hoje dou aulas em uma unidade de internação, a Unidade de Internação de Saída Sistemática (Uniss), onde há apenas garotos que estão acabando de cumprir a medida socioeducativa. Esses alunos ficam conosco de três a quatro meses. Eu ministro as disciplinas de Ciências, Prática Desportiva e Biologia. O conteúdo do nosso PD é relacionado a Matemática, para tirar algumas dúvidas básicas. Dou aula no ensino fundamental II e no ensino médio.

É uma rotina bem diferente, as aulas têm que ser criadas de uma forma que a avaliação não se prenda a provas, mas que em cada aula se possa avaliar os alunos de alguma maneira. Está sendo uma experiência incrível, me sinto muito feliz realizando esse trabalho. Voltamos ao presencial e ainda existe aquele receio por conta da pandemia de covid-19, mas me sinto feliz por estarmos trabalhando. Aos poucos tudo vai ficar bem, tenho muita fé nisso. Digo muito para meus alunos que a ciência mudou a minha vida, e é verdade. Sempre foi um sonho fazer faculdade, ser cientista, estar ligada às questões da natureza. Sempre tive a certeza de que, para mim, só existia um caminho para realizar meus sonhos e mudar minha realidade, e esse caminho era e ainda é o estudo. O conhecimento mudou a minha vida. Meu pai sempre me diz: “podem te tirar tudo, menos o seu conhecimento”, e eu levei isso para minha vida.

Viver esses quatro anos na UnB foi muito difícil, mas também realizador. Vivi coisas que, tenho certeza, nunca viveria se não estudasse naquela universidade. Conheci pessoas sensacionais, com histórias de vida encorajadoras. Encontrei muita gente diferente, mas também muita gente parecida, que via a universidade como a chance de mudar seu mundo e a história de toda a sua família. Hoje consigo ajudar minha família, hoje minha mãe e

meu pai me veem com outros olhos, conquistei o respeito das pessoas. Hoje posso dizer que venci essa etapa, agora vamos para a próxima.

A UnB foi uma oportunidade que agarrei com unhas e dentes. Falei “eu vou conseguir, eu quero” e realizei um sonho. A partir deste, surgiram outros sonhos, outros caminhos, novas possibilidades, que agora são as próximas metas a serem alcançadas. Ser uma cotista racial me trouxe um empoderamento incrível, pois consegui deixar explícito que não tenho vergonha da minha origem, que tenho orgulho da minha história e que as pessoas não podem opinar sobre a cor da minha pele.

Eu sou uma mulher preta, de pele clara, lésbica, professora, filha, irmã, dentre outras coisas. De tudo o que aprendi com minha experiência, o principal é: não desista, não desista, não desista. É muito difícil, mas o gostinho da vitória no final é insuperável. Não se compare aos outros, vá no seu tempo, mas vá até o final!

Referências

SOUSA, Mauricéia Lopes Nascimento de; SILVA, Michele Duarte da. *Projeto pensar grande: aulas de ciências desenvolvidas para classe hospitalar*. *Ciências em Foco*, Campinas, v. 12, n. 1, p. 176-184, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cef/article/view/9903>. Acesso: 18 jul. 2022.



Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroatitude UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil afora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice